

# A EDUCAÇÃO PELA NOITE

## Ferramentas críticas

por Milena Britto

Entre as inúmeras razões para lermos o crítico Antonio Candido nos dias atuais está a sua preciosa capacidade de compreender o estado artístico, político e cultural do longo período em que viveu. O crítico foi atual até o seu último instante de vida, e sua vasta produção, além de nos legar contribuição indispensável tanto no trato estético quanto no olhar social sobre o Brasil, nos permite conhecer um elenco de escritores e de obras brasileiras muitas vezes relegados ao esquecimento por circunstâncias aleatórias, como se vê em vários textos de *A educação pela noite*. Nesse livro, o crítico se permite tanto escrutinar obras e escritores que formam a tradição literária brasileira como buscar as pistas literárias desprezadas pelo meio intelectual de épocas passadas, indo atrás, também, de quem leu mal ou inadequadamente esse nosso passado intelectual.

“Mas, além das ideias teóricas gerais, convém sempre indagar quais são os conceitos particulares que um crítico usa”, cravou Candido no ensaio “Fora do texto, dentro da vida”, e nada mais

instigante a se fazer, nestes tempos conflituosos, do que isso. *A educação pela noite* é uma *pedra bem pontiaguda* que nos atinge em cheio e nos incita a olhar, desde onde estamos, para trás, para cima, para o lado, ou, como o próprio Candido faz ao ler Álvares de Azevedo, nos convida “à explosão dos fantasmas brotados na treva da alma” brasileira. O título desta reunião de ensaios não poderia ser mais genial, pois trazer João Cabral de Melo Neto e sua educação pela pedra para as noites cifradas do Romantismo *estranho* de Álvares de Azevedo tem muito mais força pedagógica sobre como fazer uma crítica “à moda brasileira” do que podemos imaginar.

Passados muitos anos desde que conheci a obra, quando ainda tateava pelos corredores do curso de letras, outra vez me assombro ao reencontrá-la enquanto eu própria tento, agora como professora, trazer por meio da literatura algum sentido para a “nação” em que nos organizaram como uma força artificialmente coerente, a qual temos por obrigação desorganizar, no nosso caso, sob a luz da crítica e das ferramentas contemporâneas à mão de cada um, como teorias decoloniais, feminismos, interseccionalidades, procedimentos estéticos atuais e novas desconstruções da tradição. Ora, isso é crucial, mas não há nada de novo nesse gesto: ao lermos um ensaio como “Literatura de dois gumes”, encontramos ali uma profunda vontade crítica e sensibilidade estética do professor Antonio Candido para encarar revisões necessárias.

É fenomenal que uma obra, a despeito de algumas ausências — vozes que estavam orbitando o cânone e não faziam (não fazem) parte dele justamente porque a literatura, situada no âmbito discursivo, é reflexo das dinâmicas de poder, como ele próprio sinalizou de diferentes maneiras —, nos dê âncora, método e ferramentas para destrinchar o dentro e o fora das obras literárias, justamente no momento em que a compreensão da literatura como um sistema cheio de armadilhas e de enganos sobre nós mesmos, coletivo unido pela “identidade brasileira”, se faz ponto de partida.

**“É fenomenal que uma obra, a despeito de algumas ausências, [...] nos dê âncora, método e ferramentas para destrinchar o dentro e o fora das obras literárias.”**

---

Nos doze ensaios que compõem o livro, Candido prossegue com a sua característica de tratar o texto literário ao nos fornecer metodologias e ferramentas de crítica em dois principais níveis analíticos, mostrando cada um distinto do outro, mas, ao mesmo tempo, trançados entre si. Ao analisar e revisitar o cânone brasileiro, ele situa as obras em seu contexto social de produção e também de legitimação (enquanto obra que entra no cânone bem depois do seu próprio tempo), desnaturalizando a sua consagração como “objetiva” e “imortal” e iluminando os regimes políticos e culturais que lhes deram esse lugar. Muitas vezes o crítico aponta as fraquezas, manias e miopias de quem fazia a crítica para indicar as distorções que podiam surgir dali. Como não dar uma boa risada ao vê-lo observar certo mau gosto brasileiro e alinhá-lo a características como as que nota em Sílvia Romero, que “não policiava a sua vaidade nem renunciava ao prazer de falar de si a qualquer propósito”, o que termina afetando a compreensão de suas contribuições, já que “essas declarações e resumos quase sempre pitorescos e invariavelmente provincianos ajudam e ao mesmo tempo atrapalham a tarefa de traçar o seu roteiro”.

Primeiramente com suas observações oblíquas e depois nos dando ferramentas para “rever” o lugar do cânone no campo literário do Brasil e do mundo, Antonio Candido, nesses ensaios, nos leva para um percurso original dentro da própria obra, mostrando novos rumos de interpretação e crítica, colocando certas

publicações em um lugar bem mais complexo, de antagonismos, apagamentos e até violências.

Se, por um lado, o crítico nos fornece recursos para entrar e sair das veias estéticas do texto literário para observá-lo sob a luz dos contextos sociais em que foram produzidos — o que inclui não apenas saber quais temáticas, quais modelos, mas como tudo isso é posto em prática na experiência estética —, por outro nos deixa perplexos diante da constatação da naturalidade com que as obras do cânone brasileiro inaugural foram lidas como uma extensão do corpo pátrio; como a consciência de um pertencimento pela absorção de ideais estrangeiros em uma paisagem, um existir, um observar peculiarmente marcado pela diferença local, o que ele cuidadosamente observa em “Literatura de dois gumes”, um de meus textos preferidos dessa coleção. Ao refletir sobre as linguagens, procedimentos e experimentos do Romantismo prolongado em *terra brasiliis*, Candido não apenas se localiza na identificação dada pelo contexto, mas, sobretudo, naquilo amarrado a situações históricas, já que “no Brasil a literatura foi de tal modo expressão da cultura do colonizador, e depois do colono europeizado, herdeiro dos seus valores e candidato à sua posição de domínio, que serviu às vezes violentamente para impor tais valores”. Em vez de refletir uma rica produção que expressa a complexidade da cultura brasileira, essa literatura “do ângulo político pode ser encarada como peça eficiente do processo colonizador”.

O próprio Candido, ao explorar de maneira brilhante as implicações decorrentes de o ideal romântico europeu ser o ponto de partida para mapear o nosso Romantismo, vai se debatendo elegantemente — o que dá gosto de ver, pois há um investimento real na observação dos nós estéticos e estilísticos — para encontrar um jeito de falar sobre essa produção do período romântico à medida que tenta encaixar Álvares de Azevedo, que supostamente não estaria de acordo com a exaltação da brasilidade credenciada pelo

movimento. Ganhamos todos, pois, ao fazer seu exercício de compreensão do que propôs Azevedo com seus *frutos estranhos* dentro do recorte do Romantismo — *Macário* e *Noite na Taverna* —, vamos reaprendendo sobre a criatividade do escritor que procura a sua autonomia na forma, nos usos de vários gêneros literários comuns ao período, especialmente no trânsito entre o drama, o conto, o verso e o romance.

Entre as irônicas abordagens esquemáticas do crítico sobre o modelo romântico e a depuração dos caminhos percorridos por Álvares de Azevedo, podemos reavaliar os lugares de potência do Romantismo no Brasil e trazer alguns escritores sob outras leituras estéticas, afinal, Candido deixa registrada e performatizada em seu ensaio sobre Álvares de Azevedo uma *pedrada* divina:

a sua obra foi publicada por assim dizer à revelia, sem que ele pudesse dizer o que considerava pronto e o que era para jogar fora. Em consequência, só podemos ler o seu teatro e a sua ficção em prosa e verso como um conjunto de tentativas e fragmentos, dos quais se destacam *Noite na taverna*, pela composição mais acabada, e o *Macário*, como surto de inspiração verdadeiramente criadora.

Esse é um dos instantes em que paramos para admirar o que é captável nas entrelinhas, nos arcabouços do fazer, pois há ali uma

---

**“Vários ensaios de *A educação pela noite* nos permitem exercer a crítica dialética que o próprio Antonio Candido defende.”**

demonstração silenciosa de como se constrói a crítica: anacronicamente, na maioria das vezes, e, sendo assim, se mostra incapaz de dar conta dos mistérios da escrita *de desejo* de quem escreve, pois organizar uma obra para qualquer cânone é um gesto também à revelia de qualquer autor.

Vários ensaios de *A educação pela noite* nos permitem exercer a crítica dialética que o próprio Antonio Candido defende. Basta revisitar “Os primeiros baudelairianos”, que é precisamente sobre o efeito interpretativo que se pode lançar à literatura nacional a partir de influências estrangeiras e suas prováveis anacronias, para ver o jogo de forças que circunda uma obra em seu tempo e fora dele. Somos, nesse ensaio, permitidos a recriar cenas e influências literárias, para subtrair sentidos de nossos baudelairianos interditados, “o grupo inicial de baudelairianos dos anos 1870 e começo dos de 1880”, que, “embora formado por poetas secundários, talvez represente o único momento em que a presença dos textos de Baudelaire foi decisiva para definir os rumos da produção poética, traçando a fisionomia de uma fase”.

Repassar Luís Delfino, Regueira Costa, Carlos Ferreira, Carvalho Júnior, Arthur de Oliveira, entre outros, termina por nos fazer chegar ao Machado de Assis crítico, que contestava o descompasso no entendimento de Baudelaire por parte dos jovens poetas

---

**“Em vários momentos temos a alegria de *conversar* com esse crítico indispensável, trazendo para seus comentários sobre o apagamento da negritude e sobre a construção de um modelo de herói indígena — nossos calcanhares de aquiles — a crítica cultural contemporânea.”**

que extraíam do escritor francês “satanismo atenuado” e “sexualidade acentuada”, ao que Candido tensiona com certa discordância:

Machado tinha razão formalmente; mas hoje podemos perceber que historicamente a razão estava com os moços que deformavam segundo as suas necessidades expressivas, escolhendo os elementos mais adequados à renovação que pretendiam promover e de fato promoveram. Esses elementos (“o descompasado amor à carne” e o “satanismo” [...]) representavam atitudes de rebeldia.

Se não há no jogo o entendimento do lamaçal colonial, não há inovação e ganho. Antonio Candido escolhe o que não foi óbvio, o que não foi marcado pelas características esperadas para aí apontar o valor — e não para derrubar. Em “Literatura de dois gumes”, oferece manancial farto e profundamente iluminador para revisitarmos o período colonial da produção literária do Brasil:

A literatura desempenhou papel saliente nesse processo de imposição cultural, bastando lembrar que os cronistas, historiadores, oradores e poetas dos primeiros séculos eram quase todos sacerdotes, juristas, funcionários, militares, senhores de terras — obviamente identificados aos valores sancionados da civilização metropolitana. Para eles as letras deviam exprimir a religião imposta aos primitivos e as normas políticas encarnadas na Monarquia; mas, mesmo quando desprovidas de aspecto ideológico ostensivo, seriam uma forma de disciplina mental da Europa, que deveria ser aplicada ao meio rústico a modo de instrução e defesa da civilização.

Assim, Candido captura a grande força da literatura como poder simbólico capaz de produzir e manter hierarquias sociais quando



seus mecanismos são monopolizados pelas elites políticas e culturais. No entanto, nesse mesmo ato de socializar o papel da literatura na violenta missão civilizatória, o crítico desnaturaliza e desmonta a sua força como tal.

Revisitar a obra de Antonio Candido, em particular *A educação pela noite*, é das ações mais produtivas e alegres que podemos ter. Anotar essa obra em diálogo com o passado, o presente e o futuro é nos munirmos de ferramentas preciosas para encararmos o jogo de permanente desconstrução, indagação e reorganização que temos de fazer da nossa cultura, dos objetos artísticos que nos conferem identidade, pertencimento, sentido para além da nossa violenta existência enquanto nação que se sustenta pelo encontro de três culturas tão opostas. Em vários momentos temos a alegria de *conversar* com esse crítico indispensável, trazendo para seus comentários sobre o apagamento da negritude e sobre a construção de um modelo de herói indígena — nossos calcanhares de aquiles — a crítica cultural contemporânea.

Não apenas devemos ler *A educação pela noite* como um dos mais bem-sucedidos gestos de acionar estética, crítica, metacrítica, revisão histórica e literária, mas, sobretudo, como a conversa em construção sobre um país tão poderoso culturalmente que mesmo as censuras, intervenções e imposições coloniais não foram capazes de apagar a força inscrita sob a condição colonial, como deixa dito seu autor:

Nos países da América Latina a literatura sempre foi algo profundamente empenhado na construção e na aquisição de uma consciência nacional, de modo que o ponto de vista histórico-sociológico é indispensável para estudá-la. Entre nós, tudo se banhou de literatura, desde o formalismo jurídico até o senso humanitário e a expressão familiar dos sentimentos. Por isso é

difícil delimitar esse universo insinuante e multiforme. Mas a versão unilateral que acaba de ser exposta não causará grande mal, se o ouvinte sair com a certeza de que a realidade é de fato muito mais vasta e complexa, e que só as limitações do conferencista impediram que isto ficasse claro.

Antonio Candido deixou uma marca profunda em várias gerações de críticos e professores de literatura brasileira e, à sua maneira, trouxe as práticas da crítica acadêmica para a nossa realidade intelectual e social. Que os leitores de agora que tentam decifrar o lugar da literatura brasileira no mundo — e o lugar dos nossos mundos plurais na literatura — leiam e aproveitem *A educação pela noite*.



**Milena Britto** é Professora na Universidade Federal da Bahia e pesquisadora visitante na University of California, Berkeley. Dedicase, entre outros temas, a pesquisas sobre gênero, literatura e estratégias de legitimação no campo literário. Além da carreira acadêmica, tem atuação em políticas públicas para a área de literatura e é crítica literária e curadora de diversos projetos culturais. Compõe, com Fernanda Bastos, a dupla de curadoras da Flip 2023.